

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Os produtores não reduziram suas apostas no cultivo de feijão, apesar das quedas recentes que trouxeram o valor da saca de feijão preto para os níveis atuais, em torno de R\$240,00. Desde meados de setembro, quando a cotação era aproximadamente R\$320,00, têm sido registradas sucessivas baixas nos preços. Contrariando essa tendência, a expectativa para o levantamento de safra no Paraná, a ser divulgado em 28/11, é de uma revisão da área semeada em mais alguns milhares de hectares, o que pode fazer desta a maior área dedicada à cultura nos últimos cinco anos. Contudo, esse número ainda fica aquém do registrado há uma década, quando facilmente se plantavam mais de 200 mil hectares para a colheita de verão.

Com o plantio alcançando nesta semana 97% da área estimada para o feijão, é possível afirmar que quase metade da semeadura ocorreu enquanto os produtores observavam a queda das cotações com certa resignação. Por outro lado, as atuais condições climáticas alimentam uma expectativa positiva em relação à produtividade, mantendo o ânimo no campo e a esperança de que as lavouras possam

ser rentáveis neste ciclo. Os custos totais da cultura foram estimados pelo Deral em agosto em cerca de R\$184,00 por saca. Assim, caso os preços e as condições climáticas favoráveis se mantenham, os produtores podem passar a ver o feijão como uma alternativa viável ao cultivo de soja nos próximos anos.

TRIGO

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Resta apenas 2% da área de trigo a ser colhida no estado, o que corresponde a aproximadamente 25 mil hectares dos 1,15 milhão de hectares plantados em 2024. De acordo com os dados de outubro da nossa estimativa de safra, a produção deve alcançar 2,3 milhões de toneladas ao término das operações, representando uma queda de 36% em relação às 3,8 milhões de toneladas colhidas em 2023. Na última semana, finalmente observamos rendimentos médios mais próximos da normalidade, uma expectativa que foi recorrente também nas semanas anteriores, mas que vinha sendo frustrada. No entanto, o volume colhido nessa última semana é modesto, já que o avanço da colheita foi de apenas 3 pontos percentuais (de 95% para 98%). Mesmo que esses resultados continuem positivos até o final da colheita,

Boletim Semanal 46/2024 – 13 de novembro de 2024

difícilmente mudarão substancialmente o cenário de perdas.

Dessa forma, as importações de trigo pelas empresas paranaenses devem permanecer significativas em 2025, como os números atuais já sugerem. Somente nos meses de agosto e setembro de 2024, período em que a colheita paranaense estava em plena atividade, foram importadas 194 mil toneladas de trigo, um volume cerca de dez vezes superior ao registrado nos mesmos meses de 2023 (19,6 mil toneladas). A origem principal desse trigo importado é o Paraguai, seguido pela Argentina, com a expectativa de que esses países consigam suprir a demanda paranaense, como têm feito desde 2018. Adicionalmente, parte do déficit de trigo no Paraná pode ser suprida por fornecedores nacionais, especialmente o Rio Grande do Sul, que já colheu mais da metade de sua safra e vem apresentando resultados superiores aos do Paraná, tanto em volume quanto em qualidade.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

O período de julho a setembro de 2024 representou o melhor trimestre da história para a produção e exportação de

carne suína no Brasil, desde o início da série histórica em 1997, conforme os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pela IBGE, e os dados de exportação do Agrostat/MAPA.

Durante o terceiro trimestre de 2024, a produção de carne suína no Brasil atingiu aproximadamente 1,4 milhão de toneladas, registrando um aumento de 4% (57 mil toneladas) em relação ao segundo trimestre de 2024 e de 2% (27 mil toneladas) quando comparado ao mesmo período de 2023.

Nas exportações, o crescimento relativo foi ainda mais expressivo. O Brasil exportou cerca de 364 mil toneladas de carne suína, alcançando um aumento de 16% (50 mil toneladas) em comparação ao segundo trimestre de 2024 e de 14% (44 mil toneladas) em relação ao terceiro trimestre de 2023.

No terceiro trimestre de 2024, também foi observada uma elevação no preço de atacado da carcaça suína no Paraná, quando comparado ao mesmo período do ano anterior. De acordo com a pesquisa mensal realizada pelo DERAL/SEAB, o preço médio da carcaça registrou um aumento de 24% (R\$ 1,77), passando de R\$ 10,09 por quilograma para R\$ 12,54 por quilograma. O crescimento das exportações, que superou o da produção no

Boletim Semanal 46/2024 – 13 de novembro de 2024

período, juntamente com a demanda interna aquecida por carne suína, pode ter contribuído para o aumento no preço da carcaça.

BOVINOS

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Segundo dados do IBGE, no terceiro trimestre de 2024 o abate de bovinos no Brasil atingiu números 14,8% maiores do que o registrado no mesmo período de 2023, contrastando com a forte alta no preço da arroba iniciada em meados de setembro. O que à primeira vista pode parecer contraditório, encontra explicação no comércio exterior: a carne bovina produzida no Brasil alimenta, principalmente, o mercado Chinês. Enquanto no terceiro trimestre de 2023 o Brasil exportou 615.782 toneladas, a um preço médio de US\$ 4,48/kg, em 2024 o aumento foi de 29,1% no volume, mas de queda de aproximadamente 3% no valor. Aproximadamente 50% do total das carcaças embarcadas teve como destino a China.

No mercado interno o viés ainda é de alta. Por outro lado, mesmo que os preços se mantenham elevados no médio prazo, é provável que sejam freados pela diminuição

da demanda, devido ao combalido poder de compra da população.

REPOSIÇÃO - O alto preço da arroba também influencia no custo do produtor com animais para reposição. Espelhado na alta do boi gordo, o preço do bezerro também subiu, atingindo (no momento da elaboração deste boletim) o maior preço desde o início de 2023. Cotado a R\$ 2.545,04, o custo com animais deve se refletir no preço da arroba 2025 adentro. O grande abate de fêmeas observado nos últimos anos também deve impactar no mercado de reposição, sustentando os preços.